

Aspectos linguístico-cognitivos envolvidos na interpretação humorística de sujeitos com a Doença de Alzheimer em estágio inicial

Linguistic and cognitive aspects involved in the humorous interpretation of subjects with Alzheimer's disease at an early stage

Nathália Luiz Freitas*
Paulo Henrique Aguiar Mendes**

RESUMO: Este estudo objetiva investigar os aspectos linguístico-cognitivos envolvidos na interpretação de textos humorísticos por sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer em estágio inicial. Para tanto, foram formados dois grupos: i) Grupo Clínico – composto por sujeitos diagnosticados com a DA; ii) Grupo Controle – formado por indivíduos sem identificação de alterações cognitivas e cujas características etárias, sociais, escolares e de gênero são compatíveis às do grupo Clínico. Em seguida, os participantes da pesquisa foram submetidos à testagem neuropsicológica clássica, investigação social e socioeconômica, assim como à abordagem sociocognitiva, por meio do Protocolo de Piadas. Verificou-se que, quando comparados, os sujeitos que compõem o grupo Clínico apresentaram desempenho significativamente inferior ao do grupo Controle. Acredita-se que um dos impedimentos para a interpretação das piadas pelos sujeitos com DA seja o déficit na memória de trabalho que dificulta a mobilização de espaços mentais durante a formulação de suposições.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Cognição. Doença de Alzheimer. Interpretação Humorística.

ABSTRACT: This study investigates the linguistic and cognitive aspects involved in the interpretation of humorous texts by subjects diagnosed with Alzheimer's disease at an early stage. For this purpose, two groups were formed- i) Clinical Group - composed of subjects diagnosed with Alzheimer's disease at an early stage; and ii) Control group - formed by individuals without identification of cognitive and whose age, social, school and gender characteristics are compatible with the group of subjects diagnosed with Alzheimer's disease. The participants were subjected to classical neuropsychological testing, social and socio-economic research, as well as the socio-cognitive approach, through the Jokes Protocol. It was found that when compared the subjects which make up the clinical group were significantly lower than the control group performance. One of the obstacles to the interpretation of the jokes by the subjects with Alzheimer's disease is possibly a deficit in working memory that hinders the mobilization of mental spaces during the formulation of assumptions.

KEYWORDS: Language. Cognition. Alzheimer's disease. Humorous Interpretation.

1. Considerações Iniciais

“A Linguagem, tal como a usamos é apenas a ponta do iceberg da construção cognitiva (...). Linguagem não carrega significado, ela o guia” (FAUCONNIER, 1994, apud GUEDES, 2008). Ao se considerar que a linguagem consistiria na superfície – então observável – dos

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS.

** Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

complexos processos cognitivos que levam à significação, depreende-se que, além de tal competência humana estar indissociavelmente relacionada a fatores sociais e culturais, tem ela um caráter psicobiológico que se entrelaça a tais aspectos, do que resultam as práticas de criação de efeitos de sentido. Nessa perspectiva, a linguagem é um componente da cognição, fundamentando-se em processos cognitivos, sociointerativos e culturais, de modo que, para compreendê-la, devem ser considerados o seu uso, bem como seus contextos de processamento mental, de interação e de experiência sociocultural (SILVA, 2004). Uma concepção sociocognitiva de linguagem tem como premissa fundamental a indeterminação do significado, isto é, a linguagem não porta sentido, ele é construído socialmente e necessita do partilhamento, consentimento e cooperação entre interlocutores (SALOMÃO, 1999).

Concebendo as formas linguísticas como elementos que fornecem pistas para que seja traçado o percurso rumo aos sentidos, os aspectos relativos a restrições cognitivas – tais como a captação de dados, sua compreensão, seu armazenamento na memória, bem como as capacidades de organização, acesso e transmissão bem sucedida de dados – são imprescindíveis às atividades de linguagem (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008). Nessa ótica, os processos de produção e de interpretação comunicacional dependem tanto de fatores socioculturais quanto do alcance das referidas restrições cognitivas, de forma que, havendo a alteração do funcionamento de alguma delas, podem surgir déficits linguísticos, entre os quais estão as dificuldades ou impedimentos para atribuir sentido à comunicação. Há déficits biológico-cognitivos específicos à linguagem, tal como a afasia, e outros cuja etiologia não é uma disfunção própria dos componentes biológico-cognitivos que subjazem à linguagem, mas provoca algum tipo de alteração no processamento sociocognitivo linguístico, a exemplo do que ocorre na Doença de Alzheimer.

A Doença de Alzheimer, doravante DA, é uma neurodegenerescência caracterizada por severas alterações cognitivas e comportamentais que constituem a mais comum entre as síndromes demenciais. Clinicamente, a DA é definida como neuropsiquiátrica degenerativa, caracterizando-se por múltiplos déficits que comprometem o funcionamento mental e social do indivíduo, acarretando incapacitação. Nela são alterados os processos cognitivos (memória, linguagem, cálculos, atenção, percepção, orientação etc.), a interação e a organização das práticas sociais cotidianas, como, por exemplo, a capacidade de utilizar objetos comuns e ferramentas (HERRERA, 1998; CRUZ, 2008). De modo geral, o primeiro sintoma clínico é a deficiência da memória recente, especialmente, a memória de trabalho, ao passo que, as

recordações remotas são preservadas até o segundo estágio da doença.

Reconhecem-se três fases de evolução da doença: a forma leve, quando os problemas de memória, principalmente de trabalho e de curto prazo, são constantes; a forma moderada, em que as dificuldades mnésicas chegam a ser incapacitantes, com desorientação têmporo-espacial e linguística (nesse estágio, os problemas de linguagem, ainda não claramente observáveis no anterior, passam a ser frequentes e perceptíveis.); e a forma severa, na qual a memória está gravemente alterada e a linguagem apresenta-se muito comprometida, podendo estar ausente, de modo a configurar o mutismo (MORATO, 2008). Para o presente estudo, que enfoca a linguagem, quanto aos aspectos envolvidos na interpretação de textos humorísticos, serão analisados dados de sujeitos diagnosticados com DA em estágio inicial, em que há relativa preservação dos aspectos fonológico-sintáticos e alterações nos semântico-lexicais-pragmáticos, predominando dificuldades para a realização de inferências (MANSUR *et. al.*, 2005).

O componente pragmático da linguagem parece sofrer alterações durante o estágio inicial da DA, do que resulta a relevância de utilização de textos humorísticos para a análise dos aspectos linguístico-cognitivos envolvidos nos processos interpretativos dos sujeitos diagnosticados com tal patologia na fase em questão, já que, nesses textos, há a mobilização de diferentes aspectos linguísticos cognitivos e contextuais. Entre os aspectos envolvidos na interpretação do humor, a inferência pode ser considerada a maior contribuição cognitiva do interlocutor, que adequa suas representações mentais ao texto humorístico a que é exposto.

Este estudo consiste em parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – (PPGL-UFOP) com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, que resultou na dissertação intitulada *A interpretação de piadas por sujeitos com a doença de Alzheimer em estágio inicial: percursos sociocognitivos de construção e resgate do humor na língua*, defendida em outubro de 2013, sob a orientação do professor Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes.

Diante do exposto, e considerando a representatividade da DA para o contexto da saúde pública, o presente trabalho tem como objetivo investigar os aspectos linguístico-cognitivos envolvidos na interpretação de discursos humorísticos, realizada por sujeitos diagnosticados com a doença de Alzheimer em estágio inicial. São entendidos como aspectos linguístico-cognitivos uma série de processos de ordem mental (fatores referentes às restrições cognitivas,

por exemplo), sociocognitiva (criação de um contexto cognitivo, formação de suposições, formulação de inferências) e linguística (percepção da mobilização de diferentes níveis linguísticos, como o sintático e o fonológico), os quais, em conjunto, são responsáveis pelas condições exigidas para a atribuição de sentidos às elocuições.

Após aprovação do projeto de que faz parte o presente estudo – proposta na qual consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – pelo PPGL-UFOP, passou-se à composição da amostra, coleta e análise dos dados. Foram formados dois grupos para a composição da amostra: o Grupo Controle, composto por 5 sujeitos com inteligência normal, ou seja, dentro da média para a faixa etária e escolaridade, e sem comprometimento cognitivo causado pela DA ou por outra patologia; e o Grupo Clínico, composto por 5 indivíduos, diagnosticados com DA em estágio inicial. Consideraram-se como variáveis controladas neste estudo a escolaridade, o gênero, a idade e o perfil socioeconômico, de modo que os sujeitos dos grupos em questão foram pareados em conformidade a tais fatores.

A amostra foi composta a partir do universo populacional de idosos, com idade igual ou superior a 60 anos, do município de Poços de Caldas, sul de MG. Participaram do estudo os indivíduos que assim consentiram, por meio da entrega do TCLE devidamente lido e assinado por ele ou seu responsável. A coleta dos dados dos sujeitos pertencentes aos grupos foi realizada por meio de testagem neuropsicológica, submissão ao Protocolo de Estudo de Piadas e aplicação do Questionário Social, assim como do Critério de Classificação Socioeconômica. Para atender aos objetivos deste trabalho, serão apresentados e discutidos dados referentes à testagem neuropsicológica e à submissão ao Protocolo de Piadas dos sujeitos de ambos os grupos. As informações obtidas através do Questionário Social e do Critério de Classificação Socioeconômica foram utilizadas para auxiliar na triagem e pareamento dos indivíduos para a posterior comparação dos grupos quanto à interferência da DA no processo sociocognitivo da interpretação do humor.

Os testes neuropsicológicos¹ utilizados nesta pesquisa são largamente empregados nos estudos tradicionais sobre a DA. O Teste de Fluência Verbal (ISAACS; KENNIE, 1973) avalia funções executivas², memória semântica e habilidades de armazenamento de uma espécie de “léxico mental autônomo” (NOVAES-PINTO; BEILKE, 2008, p. 107), sendo subdividido em

¹ A aplicação dos testes neuropsicológicos foi supervisionada por um profissional da área de psicologia.

² Funções executivas são “as habilidades cognitivas envolvidas no planejamento, iniciação, seguimento e monitoramento de comportamentos complexos dirigidos a um fim” (HAMDAN; BUENO, 2005).

Teste de Fluência Verbal Semântica e Teste de Fluência Verbal Fonêmica. O Miniexame do Estado Mental – MEEM – (FOLSTEIN *et. al.*, 1975), universalmente utilizado como instrumento de triagem na avaliação de processos demenciais, mensura cinco áreas cognitivas: i) orientação temporal e espacial do indivíduo; ii) capacidade de decodificação verbal; iii) cálculo e atenção; iv) memória a curto prazo; e v) linguagem. O Teste de Nomeação de Boston consiste em um instrumento utilizado para avaliar a “linguagem”, por meio da nomeação de figuras (KAPLAN, GOODGLASS; WEINTRAUB, 1983).

Os textos humorísticos utilizados na pesquisa em pauta fazem parte do Protocolo de Estudo de Piadas desenvolvido e utilizado por Donzeli (2008) em sua dissertação de mestrado, que abordou a interpretação de piadas por sujeitos afásicos. O Protocolo é composto por sete piadas, bem como, por uma grade de interpretação. Conforme realizado por Donzeli (2008), o Protocolo foi apresentado aos participantes do estudo durante sessão individual, então gravada para posterior transcrição. Após a apresentação de cada piada pelo pesquisador, foi solicitado ao participante que a comentasse e explicasse os efeitos de humor ou outros sentidos nela veiculados. Uma vez gravados, tais episódios dialógicos foram transcritos e, quando necessários editados para a apresentação, análise e discussão.

As explicações de piadas fornecidas pelos sujeitos foram analisadas com base nas teorias da Relevância e da Integração Conceptual, bem como nas categorias estabelecidas por Donzeli (2008) para níveis linguísticos (fonético-morfológico, morfo-fonológico, lexical, sintático, pragmático, semântico e semântico-sintático) mais acionados na interpretação chistosa. Conforme o padrão encontrado nas análises, os resultados foram organizados e quantificados para serem comparados aos resultados obtidos nos testes neuropsicológicos, cujos dados foram tabulados e tratados estatisticamente, por meio de análises frequentistas, em uma base do software estatístico para Ciências Sociais SPSS.

2. Referencial Teórico

2.1 Processamento sociocognitivo da Linguagem e Interpretação Humorística

A Linguística tende a se beneficiar dos textos humorísticos como instrumento investigativo, haja vista que eles, além dos níveis linguísticos tradicionalmente observados, são passíveis de evidenciar outros mecanismos de sentido próprios dessa forma de construção discursiva. Por meio da análise de textos chistosos, é possível compreender a natureza pragmática da comunicação verbal, tendo em vista que, em tal material discursivo, estão

envolvidos processos complexos de construção do sentido, especialmente a formulação de inferências, as quais são fundamentais para a elaboração de interpretações capazes de levar à criação de efeitos de humor.

A interpretação de textos humorísticos como a piada consiste no efeito psicológico que resulta da complementaridade dos elementos narrativos, exposição, complicação, clímax e desfecho, com outros fatores não linguísticos, entre os quais estão crenças e convenções, que viabilizam o processamento cognitivo inferencial (SANTOS, 2009). Trata-se, portanto, de uma expressão comunicativa que, ao se considerar sua forma, possui estrutura relativamente simples, contudo, em termos cognitivos, demanda um abrangente grau de informatividade, já que a interpretação de um texto chistoso exige a ativação, o processamento e a operação de mecanismos inferenciais de alta complexidade. A piada é, então, um texto verbalizado (oral ou escrito) de ordem narrativa cujas bases abrangem fatores estruturais, linguísticos e pragmáticos, conduzindo ao campo do humor.

No que se refere às tentativas de compreensão dos mecanismos que levam à produção do humor, têm-se, atualmente, três teorias principais: a teoria da incongruência, a teoria de *script* semântico e a teoria do humor verbalizado, sendo a primeira aquela cujo enfoque mais se alinha com a perspectiva cognitiva aqui defendida. Attardo (1994) indica que a hipótese da incongruência tem embasado análises e interpretações de variados tipos de humor, consistindo na teoria mais utilizada entre as que buscam explicar o humor verbal. Tal teoria parte da ideia de incongruência para descrever como ocorre o processamento perceptivo e cognitivo referente ao humor. Conforme assente Ritchie (1999), embora o conceito de incongruência parta da noção da relação dualística entre percepção e representação do estado real das coisas, não há consenso quanto a uma única definição, havendo, entretanto, concordância quanto às conceituações sobre a existência de uma dissonância entre duas representações, em que uma possui base sociocognitiva. Subjaz a esse acordo a perspectiva de um mundo ordenado, preestabelecido, de forma que, quando o sujeito se depara com uma situação que contradiga tal estado de coisas, acha graça. Ocorre uma violação das expectativas sobre o universo em que a realidade é construída (BALZANO, 2001).

Considerando que é premissa para o advento da incongruência o elemento surpresa, aquele que ouve ou lê um texto humorístico deve refazer o percurso de interpretação da história narrada, ou situação exposta, para chegar a um significado chistoso, sendo, portanto, a incongruência a percepção repentina do disparate de uma expectativa de interpretação. Assim,

a descoberta da discrepância entre significado do fato narrado/exposto e a nova informação obtida, mesmo que pareça absurda, provoca uma sensação proveitosa a quem a interpreta como divertida (SANTOS, 2009). Assim, o efeito humorístico é o resultado da divergência existente na relação conceito-objeto, a incongruência, que, na medida em que a piada revela uma expectativa diferente do habitual acerca de um elemento do mundo (hipótese, ao final da narração/exposição, evidenciada discrepante da realidade ordenada do mundo), se ajusta à interpretação da narrativa chistosa. Além disso, o conhecimento enciclopédico, ou em termos sociocognitivos, os Modelos Cognitivos Idealizados – a serem discutidos, são fatores cruciais para a interpretação de textos humorísticos.

Chiaro (1992) destaca os fatores linguísticos acionados para que o humor seja criado em textos chistosos, entre os quais estão: i) a transposição de sons ou sílaba – na qual o contador dos textos chistosos necessita saber pronunciar de modo diferenciado; ii) a formação de palavras; iii) o léxico – situação na qual o contador trabalha com a duplicidade das palavras, empregando os homófonos (sons iguais e significados diferentes), os homônimos (mesma forma e diferentes significados), ou a polissemia (forma e som iguais e diferentes significados); iv) a sintaxe – construção em que o contador evidencia o caráter ambíguo de uma sentença; e v) as regras de conversação (pragmática). Possenti (1998) também salienta que os mecanismos linguísticos (lexical, morfológico, pragmático, sintático, morfofonológico etc.) são passíveis de explicar as construções de sentido ocorrentes nos textos humorísticos, como as piadas.

2.2 Teoria da Integração Conceptual

No que se refere às teorias que utilizam a abordagem sociocognitiva da linguagem, tem-se como expoente significativo a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TUNER, 2002). Baseada na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), a Teoria da Integração Conceptual busca explicar o que acontece na mente humana durante o processamento cognitivo. Seus autores sugerem que o ser humano foi capaz de desenvolver, frente aos demais animais, demasiada capacidade de inovar, através da imaginação, da proposição de identidade entre conceitos e de sua integração e, então, criar redes – modelos – de pensamento e de ação. A criação dessas redes refere-se a um conjunto de projeções de relações vitais, como, por exemplo, tempo, espaço, causa e efeito, analogia, identidade e mudança. A fim de desenvolver tais redes, o indivíduo conecta espaços mentais e os relaciona a conhecimentos relativamente estáveis (conhecimentos prévios), armazenados na memória de longo prazo. Espaços Mentais,

por sua vez, consistem em ativações cerebrais que demandam a interrelação neuronal processada em espaço/tempo efêmeros, responsáveis pela estruturação de informações relevantes em um determinado momento.

Os espaços mentais são, então, caracterizados como uma forma de abstração complexa – alicerçada em generalizações – que permitem a formulação de hipóteses acerca do pensamento, da linguagem e de outros aspectos da vida humana. Tais espaços seriam constituídos para atender a uma demanda específica, ao mesmo tempo em que seriam criados e desfeitos conforme determinadas exigências contextuais. De acordo com Fauconnier (*apud* COSCARELLI 2005):

Os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para essas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais (p. 291).

Segundo essa proposta, o que caracteriza a espécie humana é capacidade de associar diversos espaços mentais e, especialmente, a capacidade de constituir novos espaços – espaço mesclado – enquanto o sujeito realiza atividades cotidianas. Assim, o espaço mesclado consiste no resultado da combinação de, no mínimo, dois espaços mentais, a partir dos quais a mente imagina identidades e cria um terceiro espaço, através da integração dessas atividades. Conforme Fauconnier (1997), a mescla é um eficaz processo de construção de sentido online.

Para que a mesclagem ocorra, é necessário que, pelo menos, quatro domínios sejam ativados: dois espaços mentais de origem, um espaço genérico e o domínio mescla, que abará traços dos demais domínios (FAUCCONNIER, 1997). São exigidos esses componentes em razão de, segundo Salomão (1998), o princípio central da cognição humana corresponder à projeção entre domínios, do que advém o fracionamento, bem como transferência de informação, e processamento do sentido. Os domínios são constituídos com base em agrupamentos de conhecimentos oriundos de experiências, os quais são estruturados e organizados, podendo ser classificados em domínios estáveis e em domínios locais (os espaços mentais).

Os domínios estáveis consistem no legado da humanidade, haja vista que se referem às estruturas de memória pessoal ou social – esquemas e frames – evocados em operações de significação. São de três ordens: i) Modelos Cognitivos Idealizados: ideários construídos em sociedade e veiculados culturalmente, caracterizados por sua estabilidade como dimensões

cognitivas identificáveis e evocáveis, bem como pela organização interna das informações que os compõem, e pela flexibilidade de sua instanciação, de acordo com as necessidades locais manifestadas (SALOMÃO, 1999); ii) Molduras Comunicativas – os frames (molduras em que as experiências são encaixadas) mobilizados no evento, por meio dos quais é possível identificar a natureza das atividades comunicativas em curso; iii) Esquemas Genéricos – esquemas conceptuais de caráter abstrato. As projeções entre domínios, por seu turno, são responsáveis pela transferência de informações entre entidades do mesmo ou de outro domínio, o que expande a significação do primeiro para o segundo item, de forma a gerar novos significados.

As projeções de conceitos realizadas entre domínios têm caráter fundamental para o desenvolvimento da mesclagem (blending), um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais com a finalidade de projetar sentidos em um terceiro espaço, o espaço mescla (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996). Os significados projetados no espaço mescla (espaço transitório em que as informações advindas dos espaços mentais de origem são organizadas) são associados em novo contexto, havendo a permanência de aspectos dos significados originais e a incorporação de significações criadas. A mesclagem é o resultado do rearranjo entre as projeções feitas e a situação comunicativa em que elas acontecem. Nessa ótica, o domínio-mescla é um terceiro espaço específico constituído com base na associação entre dois espaços mentais, dos quais incorpora estruturas parciais, para que forme uma estrutura emergente autêntica que representará uma dimensão inédita.

O conhecimento enciclopédico, isto é, os Modelos Cognitivos Idealizados, são fatores cruciais à interpretação de textos humorísticos. A inexistência dessas informações esquemáticas inviabiliza a dedução dos aspectos relevantes para o entendimento de uma piada, haja vista que o sujeito não possui um ponto de partida para fazer pressuposições e realizar inferências. Sem a existência de conhecimento sociohistoricocultural, não seria possível, por exemplo, entender a piada abaixo.

Jesus estava pregando para uma multidão e Madalena estava ao seu lado. Em determinada altura da pregação, Ele disse: - Quem nunca errou que atire a primeira pedra. De repente, um menino que estava próximo começou a arremessar pedras em Madalena. Jesus, admirado, perguntou: - Meu filho, você nunca errou? - Dessa distância nunca!

Com o intuito de atribuir sentido a essa piada e, conseqüentemente, haver o efeito humorístico, o sujeito interpretante deve, obrigatoriamente, ter conhecimentos prévios sobre as narrativas bíblicas referentes à vida de Jesus, entre as quais conhecer a passagem tangente à

tentativa de apedrejamento a Maria Madalena. Além disso, é necessário saber que as crianças comumente podem não compreender o sentido metafórico das expressões ditas.

Para que a mesclagem ocorra, com base em Dias e colaboradores (2005), estão envolvidas as seguintes operações: Domínio-Fonte 1 (Espaço Mental 1): a interpretação guiada pela cena (Jesus pregando), esperada, canônica e não-marcada, relacionada à compreensão do verbo *errar* com o sentido de *pecar*, é ativada pelo Modelo Cognitivo Idealizado de Cristianismo, e corresponde à perspectiva de Jesus; Domínio-fonte 2 (Espaço Mental 2): a interpretação inesperada e marcada, ativada pelo Modelo Cognitivo Idealizado de Mira ao Alvo, faz referência à perspectiva do menino que atribui a *errar* o sentido de *não acertar o alvo*; Espaço Genérico: Esquema Imagético correspondente a *Trajeto*, que consiste no espaço de homologia entre os domínios-fonte 1 e 2; Domínio-Mescla: espaço emergente da projeção dos três domínios anteriores, cujo conteúdo possui vestígios de todos eles, tendo, porém, caráter inédito.

Conforme Bache (2005), à medida que a mesclagem combina e unifica espaços mentais originalmente separados, há o processo de desintegração, que fragmenta ou divide os conceptuais em elementos parciais passíveis de serem acionados para projeção individual nos espaços mesclados. Na piada em análise, percebe-se uma sobreposição de traços: Madalena, que no Modelo Cognitivo Idealizado de Cristianismo tem função de agente trajetador, passa a alvo na perspectiva construída pelo menino. A projeção dessas funções sobrepostas no Domínio Mescla é responsável pelo *non-sense* produzido por esse texto chistoso.

Tendo em conta o contexto da piada apresentada, a rede polissêmica estabelecida entre as duas leituras possíveis para o verbo *errar*, das quais uma, previsível, canônica e por isso não marcada, é suscitada pela fala do personagem Jesus, para quem o verbo carrega o sentido de "desvio de conduta moral" (Domínio Fonte 1, relativo ao Modelo Cognitivo Idealizado do Cristianismo), e a outra, inesperada e marcada, é acionada pela fala do personagem menino, para o qual a palavra *errar* adquire o significado de "desvio de um alvo ou falta de pontaria" (Domínio Fonte 2, relativo ao Modelo Cognitivo Idealizado de Mira ao Alvo). Tem-se, então, margem para a formação de domínios (espaços distintos), que possibilitam o desenrolar desse texto piadístico. Entre as duas interpretações, pode-se perceber um ponto em comum, já que ambas apresentam um *Esquema Imagético de Trajeto*, isto é, uma origem, um trajetador e um destino.

Tentou-se demonstrar que, para se compreender um texto humorístico, como uma piada,

é necessário ocorrerem processos cognitivos como a mesclagem. Tendo em vista que tais mecanismos são dependentes da mobilização de espaços mentais, os quais consistem em pequenos conjuntos de memória de trabalho construídos durante o pensamento e a fala, e que a deterioração da memória de trabalho e de curto prazo são consideradas alterações significativas na fase inicial da DA, a compreensão dos percursos linguístico e sociocognitivo, a partir da perspectiva da Teoria da Integração Conceptual, pode ajudar a esclarecer que prejuízos (e preservações) de linguagem sujeitos acometidos pela DA nesse estágio possuem.

2.3 Teoria da Relevância

Sperber e Wilson (1986) no livro *Relevance: Communication and Cognition* contrapõem duas teorizações sobre a comunicação verbal: a teoria de código e a teoria inferencial. Na primeira, as línguas naturais são concebidas como códigos que associam pensamentos a sons, de forma que a comunicação é efetivada quando uma mensagem – incapaz de viajar no espaço – é codificada em um sinal – que pode viajar no espaço – e posteriormente decodificada por seu destinatário. Na segunda, a comunicação é desenvolvida na situação em que aquele que comunica propicia evidências das intenções comunicativas que tem, ao passo que o ouvinte infere tais intenções por meio das pistas fornecidas. Dessa forma, além de transmitir pensamentos, os enunciados têm força ilocucionária, expressam atitudes proposicionais e produzem atos de fala. Os autores sugerem que o que distingue os dois modelos é o estabelecimento, pelo segundo, de uma propriedade psicocognitiva mínima que possibilita a comunicação entre duas pessoas, a intenção. Chegam à conclusão de que a comunicação verbal envolve ambas as abordagens, já que, entre outras questões, o processo de compreensão transcende à decodificação de um sinal, o que aponta a ausência de autonomia no modelo de código, além do fato de a efetivação da comunicação puramente inferencial tender a ser, provavelmente, menos eficaz.

No entanto, segundo assinalam os relevantistas, já que as intenções não podem ser decodificadas, mas, somente inferidas, é preciso estabelecer duas características à intenção griceana: i) que a intenção seja explícita; ii) que a intenção seja reconhecida pelos interlocutores. Partindo das discussões sobre as abordagens aludidas acima, a Teoria da Relevância questiona o fato de ser o Princípio de Cooperação (GRICE, 1975) o acordo tácito que governa a comunicação, de forma a apontar uma das máximas, a de relação ou relevância – que, segundo os estudiosos relevantistas, não é desenvolvida por Grice – como o princípio

geral que rege a comunicação humana. Segundo Sperber e Wilson (2001), a afirmação de Grice, de que enunciados naturalmente geram expectativas que levam o interlocutor a atribuir sentido ao que comunica um locutor, não é suficiente para explicar a comunicação verbal, uma vez que é necessário que as expectativas de relevância criadas por um enunciado sejam precisas o bastante para dar condições ao interlocutor de atribuir sentido ao que é comunicado, sendo a busca por relevância um atributo inerente à cognição humana.

Portanto, a TR tem como alicerce o conceito de relevância, que, por sua vez, possui dois princípios gerais: o Princípio Cognitivo, segundo o qual a cognição humana tende a dirigir-se para a maximização da relevância; e o Princípio Comunicativo, que postula o fato de que as elocuições geram expectativas de relevância. Trata-se de pressupostos que levam a um princípio universal minimalista – o da relevância – para a comunicação, o qual, de acordo com seus formuladores, é responsável pelo processamento de enunciados.

A *relevância* é concebida como uma propriedade de entrada de dados (elocuições, pensamentos, memórias, ações, sons etc.) em direção aos processos cognitivos. As elocuições codificam representações do mundo real – que, em certa medida, são partilhadas –, tendo como função não apenas informar pensamentos, mas também evidenciar atitudes do locutor. Disso resulta que se comunicar não significa necessariamente transmitir informação, antes, implica comunicar a intenção de comunicar, ideia pautada nas hipóteses de existência da intenção comunicativa – decisão de estabelecimento de contato com outros seres humanos – e da intenção informativa – decisão de transmissão de uma determinada informação. Para uma entrada de dados (uma elocução, por exemplo) ser relevante, é necessário que ela valha a pena ser processada, o que, por sua vez, depende do esforço de processamento requerido e do efeito cognitivo gerado. Ao ser processada dentro de um contexto de suposições disponíveis (representações de mundo), uma entrada de dados pode resultar em algum efeito cognitivo por meio da modificação ou reorganização dessas suposições. Em igualdade de condições, quanto maiores forem os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de dados, maior será sua relevância. Do mesmo modo, quanto menor for o esforço de processamento requerido, maior será a relevância.

De acordo com a perspectiva em foco, o efeito cognitivo, também denominado de efeito contextual, é o resultado do processo de contextualização, que envolve a união de uma informação prévia com uma informação nova, do que advém a possibilidade de melhoria ou modificação do contexto cognitivo, o qual abrange não só o meio em que determinada

comunicação é efetivada, mas também crenças, expectativas acerca do futuro, memórias, pressuposições etc. Um estímulo comunicacional terá relevância ótima quando for mais relevante que outros em certo momento e quando propiciar o maior contingente possível de efeitos cognitivos positivos, ou seja, o estímulo deve se conectar com alguma informação prévia de forma a haver conclusões significativas passíveis de alterar a representação de mundo do interlocutor, com o menor custo cognitivo. Os tipos de efeitos contextuais consistem em implicação contextual (o mais forte), uma conclusão deduzida com base no *input* (informação nova) e no contexto (informação velha), fortalecimento, enfraquecimento e eliminação de suposições disponíveis.

É importante ressaltar que, para a TR, a comunicação humana é entendida como uma questão de grau, ou seja, ela depende da força da manifestabilidade (perceptibilidade, possibilidade de um fato ser inferido) das suposições no ambiente cognitivo do ouvinte. Um ambiente cognitivo consiste em um conjunto de suposições que o indivíduo é capaz de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro ou provavelmente verdadeiro. Trata-se do conjunto de suposições que o falante tem disponível e ao qual recorre ao processar informações. Já uma suposição diz respeito ao pensamento tratado pelo indivíduo como representação do mundo real. Enquanto as suposições recuperadas da memória possuem certo grau de força, as formadas a partir do processo de completagem de esquemas de suposições possuem uma plausibilidade inicial da qual dependerá seu processamento ao mesmo tempo em que suas forças subsequentes dependerão dos próximos históricos de processamento. Do exposto advém que, à medida que uma intenção informativa de determinado locutor pretende tornar fortemente manifesta uma suposição em especial, tal suposição é comunicada de maneira mais incisiva. Se, por outro lado, a intenção do locutor, é elevar tangencialmente a manifestação de uma série de suposições, cada uma delas, então, é comunicada fracamente. Em uma situação de comunicação forte, o locutor pode criar expectativas elevadas sobre determinadas suposições que o interlocutor ativará em seu ambiente cognitivo. Em contrapartida, quando a comunicação é intencionalmente fraca, o locutor poderá apenas conduzir a ativação de suposições do interlocutor a alguma direção.

A TR assente que a compreensão verbal parte da recuperação, pelo interlocutor, do sentido linguístico originado por uma elocução, que necessita ser enriquecida contextualmente para ser interpretada em acordo com o sentido pretendido pelo locutor. Levando em conta a frequente possibilidade de, no processo comunicativo, haver elipses, ambiguidades, ironias,

metáforas, entre outras configurações dependentes de fatores “extralinguísticos”, construções que requerem um conjunto de suposições formuladas pelo interlocutor, os formuladores da TR sugerem a existência de um procedimento de compreensão em que o interlocutor deve: i) seguir um caminho que demande menor esforço para processar os efeitos cognitivos ao testar hipóteses interpretativas, por meio da resolução de ambiguidades, problemas de referência, implicaturas etc.; ii) interromper o processo inferencial em andamento quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas ou abandonadas.

Existem diversas subtarefas a serem desempenhadas por um interlocutor com vistas à recuperação do sentido intencionado pelo locutor, as quais ocorrem não linearmente, mas, de forma paralela, em um rol de expectativas. Esse processo compreensivo tem como mecanismo essencial a explicatura, um combinatório de decodificação com inferência do qual é gerada a premissa necessária ao desenvolvimento de implicações contextuais e outros efeitos cognitivos. Trata-se da elaboração de uma hipótese que parte do estímulo verbal explícito e é desenvolvida por meio da decodificação, da desambiguação e de demais processos de enriquecimento. A formulação de hipóteses sobre aquilo que não é explicitado, enunciado, pode resultar em uma premissa implicada – construção de uma hipótese plausível concernente às suposições contextuais intencionadas – ou em uma conclusão aplicada – elaboração de uma hipótese apropriada acerca das implicações contextuais intencionadas. Nessa perspectiva, segundo a TR, a comunicação ocorre em virtude de o interlocutor ser capaz de inferir as intenções do locutor a partir das evidências apresentadas por este. Uma vez que informações transmitidas de maneira implícita via elocução tendem a ser mais vagas que aquelas transmitidas explicitamente, faz-se importante enfatizar que há um *continuun* no que tange à implicitude de conteúdos em uma elocução.

Tendo em vista que, segundo postula a TR, no processo de comunicação, o interlocutor deve decodificar o *input* via um percurso de esforço mínimo, preferencialmente, e ativar informações que estão armazenadas na memória para conseguir inferir o sentido intencionado pelo locutor, sujeitos acometidos por algum tipo de déficit de memória podem ter dificuldades que afetam o processamento comunicacional. Isso porque, embora tal indivíduo traga consigo os princípios cognitivo e comunicativo da relevância, a atuação mnêmica ineficiente tende a demandar maior esforço de processamento, dificultando a produção de efeitos cognitivos satisfatórios passíveis de contribuir para a formulação de inferências sobre o sentido pretendido pelo locutor em um estímulo comunicacional.

3. Análises

Considerando a abrangência da dissertação de que resultou o estudo em questão e o fato de este trabalho consistir em uma parte de tal pesquisa, serão analisados todos os resultados dos testes neuropsicológicos, cuja avaliação é menos extensa, e apenas os dados interpretativos sobre um texto humorístico, dos sete que compõem o protocolo utilizado.

Participaram do estudo 10 idosos, sendo 5 do grupo Clínico e 5 componentes do grupo Controle, isto é, sem qualquer patologia cognitiva diagnosticada e com inteligência considerada dentro da média para a faixa-etária e escolaridade. A média de idade de todos os participantes gira em torno de 68 anos e a escolaridade é de 10 anos para os participantes diagnosticados com DA em fase inicial e 11 anos para os sujeitos que compõem o grupo Controle. Em ambos os grupos, há 2 homens e duas 3 mulheres.

No que se refere à testagem neuropsicológica, com base nos resultados exibidos pelos sujeitos, nota-se, conforme esperado³ que, com relação ao estado das funções cognitivas gerais, os sujeitos acometidos pela DA apresentam algum declínio. No que diz respeito ao desempenho no subteste de Dígitos do Wisc – ordem direta e ordem indireta –, todos os sujeitos DA foram inferiores aos Controles, como também já se aguardava, tendo em conta que a memória operacional está afetada na fase inicial da doença. Vale assinalar que o desempenho dos controles também está de acordo com o esperado para a sua idade, pois, a literatura na área assente haver uma diminuição da acurácia da memória de trabalho à medida que a idade do indivíduo aumenta, do que resulta os idosos terem menor capacidade de retenção temporária de itens.

Quanto ao desempenho no Teste de Nomeação de Boston, que visa a averiguar a capacidade de reconhecer e nomear objetos apresentados visualmente, todos os sujeitos obtiveram resultados satisfatórios, com diferenças não significativas entre DA e Controles, o que, de certo modo, coloca em questão a acurácia desse teste para diagnosticar sujeitos em fase inicial da doença. Os resultados decorrentes da testagem de fluência verbal exibem consideráveis diferenças entre os sujeitos DA e Controle, principalmente, quanto ao desempenho na fluência fonêmica. Enquanto os Controles apresentam, nesse teste, elevada

³ Os testes Mini Exame do Estado Mental, Nomeação de Boston, Fluência Verbal Semântica e Fluência Verbal Ortográfica e os subtestes Dígitos do Wisc em ambas as ordens são padronizados, validados e normatizados para a população brasileira, de modo a haver determinadas faixas de escores que indicam padrões patológicos e não patológicos, as quais foram levadas em consideração no presente estudo.

fluência, produzindo a média de 45 itens corretos, os sujeitos com DA mostram baixa fluência, ao produzir a média 15 itens adequados, entre os quais há alguma associação semântica, como, por exemplo, quando da testagem alvo “A”, em que o sujeito JAL produz “abelha, águia, avestruz, ave”, termos pertencentes à categoria “animais”, o que indica haver o uso de uma estratégia semântica para auxiliar na recordação de palavras que se iniciam com a letra A. Fator semelhante ocorre com OML, que utiliza estratégia de grupo semântico “alimentos”. No que tange à fluência semântica, há também diferenças entre os dois grupos (DA= Média de 38 e Controle= Média de 54 acertos), contudo elas já são aguardadas em razão do declínio operacional da memória de trabalho.

Em termos neuropsicológicos, observa-se que, comparados ao grupo Controle, os sujeitos DA possuem alterações quanto à memória de curto prazo, orientação temporal, atenção e memória de trabalho, conforme esperado pela sua condição de DA em estágio inicial. Também sua fluência verbal fonêmica apresenta-se comprometida, o que pode advir de um déficit da memória operacional na organização de categorias não semânticas. Vale ressaltar que, de modo geral, tais indivíduos obtiveram desempenho satisfatório quando da nomeação de objetos, atividade constantemente referida na literatura como sendo deficitária em sujeitos que estão na primeira fase da doença. No que tange às testagens realizadas nos sujeitos controles, seus dados revelam condições cognitivas satisfatórias, já que não apresentaram déficits, propiciando suas participações na presente pesquisa, a fim de que seus dados possam ser comparados aos do Grupo DA.

Em termos de análise linguístico-cognitiva, com base nos arcabouços teóricos da Teoria da Relevância e da Teoria da Integração Conceptual, será considerada a interpretação da piada número 3 do protocolo, pelos participantes da pesquisa.

A tia vira-se para a Mariazinha e pergunta: - O que você vai fazer quando for grandona como a titia? - Um regime!

A piada acima aciona o nível linguístico lexical. Para se compreendê-la, é preciso que seja notada a comparação realizada entre a sentença: “O que você vai fazer quando for grandona como a titia?”, e a frase já cristalizada culturalmente: “O que você vai fazer quando crescer?”. A “chave” humorística está alicerçada na ambiguidade que o vocábulo “grandona” possui, o qual poder significar “bastante grande”, “alta”, “crescida”, “adulta” ou “gorda”. Além disso, tem-se o conhecimento tácito acerca do qual crianças, geralmente, falam o que pensam e, a verdade, fator que, nesse chiste, quebra a expectativa gerada pelo enunciado da tia. A polissemia

gerada pela expressão “grandona” é responsável pelo surgimento de dois domínios-fonte, espaços mentais distintos em que estão presentes dois MCI’s, sendo um, canônico e aguardado, concernente à fase adulta e outro, inesperado, relativo à “acima do peso” – e escolhido pelo personagem sobrinha –, ambos referentes ao personagem da tia, os quais criarão um espaço genérico, cuja projeção é de dimensão/tamanho, levando ao domínio mescla grandona-adultagorda. Segue ilustração da criação de tais domínios.

O efeito chistoso foi facilmente interpretado pelos sujeitos que compõem o grupo Controle. No ambiente cognitivo de tais indivíduos estão presentes, sendo depois ativadas em seu contexto cognitivo, primeiramente, a suposição referente ao personagem da tia estar acima do peso, e, em seguida, concernente à faixa-etária adulta. Todos os sujeitos percebem e explicitam a ambiguidade proporcionada pela palavra “grandona”, ao atribuírem a tal expressão características extensivas aos seus atributos, indicando suas entradas relativas a endereços enciclopédicos, como pode ser observado no discurso de MPF, sujeito que compõem o grupo controle:

Investigadora: Por quê essa piada tem graça? Como a gente entende a graça dela?

MPF: Por causa da gordura da tia dela. Daí ela confundiu a pergunta.

Investigadora: Como a gente sabe que a tia da Mariazinha é gorda?

MPF: A tia fala que é grandona.

Investigadora: Sim, mas, o que isso tem a ver com ser gorda?

MPF: Grandona pode ser gorda e grande de tamanho e idade.

Investigadora: E como que a Mariazinha entende a palavra “grande”?

MPF: Ela entende que é gorda, mas só que a tia perguntou de idade, de gente grande, como qual faculdade vai fazer.

Conforme pode ser observado, no contexto cognitivo de MPF, são ativadas ambas as suposições sobre “grandona como a titia”, ou seja, a suposição cuja etiqueta enciclopédica traz a ideia de “acima do peso” e a suposição que tem como etiqueta enciclopédica a noção de “pessoa adulta”. Além disso, o contexto cognitivo de MPF é ainda capaz de relacionar as duas suposições, formulando uma inferência, de maneira a possibilitar a reconstrução do efeito humorístico da piada.

Em contrapartida, os sujeitos diagnosticados com DA exibem persistentes dificuldades no intuito de compreenderem o percurso chistoso da piada, sendo necessário, para tal tentativa, o engajamento interacional por mim acionado, que, por fim, conduziu à reconstrução humorística parcial por três dos cinco sujeitos. A importância do fornecimento de pistas dialógicas para a interpretação da piada pode ser observada na trajetória de LFS:

LFS: A menina não quer ficar gorda.
Investigadora: É mesmo. Mas, como você sabe que ela não quer ficar gorda?
LFS: Porque ela fala, uai.
Investigadora: Mas, o que que ela fala?
LFS: Não sei.
Investigadora: Sabe sim. Agora mesmo você me falou. A tia da Mariazinha pergunta o que a sobrinha vai fazer quando crescer. E a Mariazinha responde...
LFS: Vai ser uma profissão...
Investigadora: Lembra que a Mariazinha não quer ser grandona como a titia? O que a Mariazinha vai fazer?
LFS: Regime! Vai ficar sem comer.
Investigadora: Isso mesmo! Então, mas, por que a Mariazinha vai fazer um regime?
LFS: Porque ela não quer ficar gorda.
Investigadora: E por que ela não quer engordar? De onde vem essa ideia dela de engordar?
LFS: Da tia dela.
Investigadora: Por que da tia?
LFS: A tia é gorda.

Vale ressaltar que dois dos cinco sujeitos DA não conseguiram, de forma alguma, interpretar a piada, uma vez não são ativadas, nos contextos cognitivos desses indivíduos, suposições relativas à situação exposta no chiste, mas, suposições referentes a práticas comuns na fase adulta, como, por exemplo, o casamento e a escolha de uma profissão. Tal comportamento indica que seus ambientes cognitivos apresentam dificuldades para criar um contexto cognitivo em que sejam ativadas suposições plausíveis aos aspectos semânticos-lexicais mobilizados na piada. Nesses casos, lembrei-os várias vezes de que se tratava de uma piada, ou seja, uma situação fictícia, o que, contudo, não contribuiu para a interpretação acontecer. Eles até pareciam “achar graça” do que lhes era contado, uma vez que riam, porém, quando partiam para a explicação chistosa, seus contextos cognitivos não continham suposições relacionadas à narrativa.

O fato de tais indivíduos rirem da piada, embora não consigam identificar e reconstruir seus efeitos chistosos, sugere que eles podem ter percebido o gatilho do chiste (efeito surpresa) responsável pelo seu humor. No entanto, tendo em vista não perceberem o duplo sentido presente em “grandona”, presume-se que seus déficits na memória de trabalho impossibilitaram a mobilização de diferentes espaços mentais para tal insumo linguístico, de forma a não serem criadas suposições sobre a própria piada, mas, formuladas suposições com base em outras etiquetas enciclopédicas, mais acessíveis, relacionadas ao referido vocábulo, tais como “exercer uma profissão” e “formar uma família”.

Assim como os outros quatro sujeitos diagnosticados com DA participantes do estudo, LFS inicia seu percurso interpretativo mencionando o desejo de não ganhar peso que é explicitado pela personagem sobrinha. Dessa forma, é manifestado em seu contexto cognitivo a suposição referente a fazer regime, que, por conseguinte, tem, como uma de suas etiquetas enciclopédicas, o atributo “não engordar”. Tal suposição parece ser fortemente manifesta para LFS, já que ela persevera nesse viés interpretativo. À medida que conversamos, é manifestada, no seu contexto cognitivo, a suposição relativa à personagem tia ser gorda, indicativo de que, além de LFS ser capaz de relacionar os conceitos tia e regime como componentes de uma suposição, o referido sujeito identifica, mesmo não explicitando, que o vocábulo “grande” está funcionando como “gorda”.

Entretanto, não é fortemente manifestada, em seu contexto cognitivo, a suposição de “grande” como “adulta”. Apenas quando diz “Vai ser uma profissão...”, ao ser questionada sobre o que Mariazinha fará quando crescer, é possível inferir que, no contexto cognitivo de LFS, foi manifestada alguma suposição cuja etiqueta enciclopédica refere-se a atividades pertencentes à vida adulta. A ausência de ligações entre as etiquetas enciclopédicas “gorda” e “adulta” referentes a “grande” impossibilita a formulação de uma inferência sobre a causa da personagem sobrinha dizer que fará um regime quando crescer, fator que interfere na interpretação total da piada, pois é justamente a existência de dois espaços mentais referentes a uma mesma expressão que gera a ambiguidade e, conseqüentemente, o humor nesse chiste.

Embora LFS necessite de pistas interlocutivas para ser capaz de reconstruir parcialmente o efeito chistoso em questão, são ativadas e manifestas, em seu contexto cognitivo, suposições correspondentes àquelas intencionadas na piada. Isso indica que, mesmo havendo déficits mnêmicos quanto à memória de trabalho, os quais dificultam – e, às vezes, impedem – a mobilização de espaços mentais envolvidos na formulação de suposições, o referido sujeito consegue compreender os ecos de humor, assim como manipula o conceito referente à etiqueta lexical do vocábulo “grandona”, fator que pode indicar estar tal nível linguístico ainda preservado.

4. Considerações Finais

Considerando que os resultados aqui expostos dizem respeito a uma amostra pequena, não é possível fazer generalizações, mas, somente refletir sobre as recorrências encontradas. Para generalizar os resultados, é necessário que a amostra, tanto de sujeitos DA quanto

controles, seja significativamente aumentada e análises mais robustas confeccionadas. Dessa forma, cabem algumas considerações sobre a importância da acurácia da memória de trabalho e o desempenho dos sujeitos nos processos interpretativos, assim como os resultados dos testes neuropsicológicos empregados.

Quando da tentativa de interpretar o texto humorístico, observou-se que todos os sujeitos que compõem o grupo Clínico apresentaram desempenho significativamente inferior aos sujeitos que formam o grupo Controle. No que se refere à testagem neuropsicológica clássica, dois pontos merecem ser mencionados. O primeiro consiste no fato de, no teste de Nomeação de Boston – tradicionalmente utilizado para avaliar a linguagem na DA, – sujeitos Controle e DA terem obtido desempenhos muito semelhantes, sem diferenças significativas. Em uma abordagem puramente metalinguística, as habilidades de linguagem dos dois indivíduos seriam consideradas “normais”, ou seja, os sujeitos DA estariam com suas capacidades linguísticas inalteradas, o que, conforme se observou por meio da interpretação da piada, não procede. O segundo fator consiste nos escores obtidos nos testes de fluência verbal semântica/ortográfica e nos de memória de trabalho verbal. Em ambas as testagens, os sujeitos DA apresentaram desempenhos significativamente inferiores aos dos sujeitos controles, evidência de que, provavelmente, as habilidades concernentes ao gerenciamento de informações verbais online dos indivíduos acometidos pela neurodegenerescência devem estar prejudicadas, déficits estes que tendem a interferir nos processamentos inferenciais e, conseqüentemente, na interpretação das piadas.

Cabe ainda salientar que, cotejando-se o desempenho que os sujeitos DA obtiveram nos testes psicológicos, em especial os de linguagem (Teste de Nomeação de Boston e Testes de Fluência Verbal Semântica e Ortográfica), com suas performances nos episódios dialógicos, não são notadas discrepâncias significativas, isto é, em ambas as abordagens, verificam-se resultados não satisfatórios, conforme esperado em razão das descrições da literatura. A exceção se dá quanto à comparação aos resultados exibidos no Teste de Nomeação de Boston, no qual os referidos indivíduos exibiram resultados acima do esperado, não evidenciando falhas no mecanismo de nomeação de palavras. Para realizar uma discussão mais apurada sobre tal fato, é necessário, entretanto, o aprofundamento das análises, o que não cabe neste estudo.

Ainda no que diz respeito à memória de trabalho, juntamente ao seu processamento deficitário observado nos testes, e, ao se considerar que, de acordo com Fauconnier, (*apud* COSCARELLI 2005), “os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho

que construímos enquanto pensamos e falamos” (p.291), de algum modo, a ineficiência de tal mecanismo mnêmico interfere na composição do contexto cognitivo, assim como posterior ativação e manifestabilidade de suposições durante as tentativas desses indivíduos de interpretar o chiste. De forma geral, parece haver demasiado esforço cognitivo na busca pela ativação de suposições que, por seu turno, dependem da mobilização de espaços mentais – então prejudicados pelo déficit da memória de trabalho –, fator que leva a baixos, ou, às vezes, a nulos efeitos cognitivos e, conseqüentemente, gera baixa ou nenhuma relevância.

A Doença de Alzheimer é um problema que transcende a saúde pública, devendo ter atenção nas diversas esferas sociais e acadêmicas. Em termos dos Estudos da Linguagem, muito pouco tem se estudado sobre as alterações e as preservações relacionadas à doença, sendo imprescindível que a Linguística, em suas diferentes vertentes, se ocupe de tal objeto. Pesquisas que se interessem pelo desempenho dialógico nas trocas de turno e à atribuição de sentido nos episódios de comunicação real tendem a ser de grande valia à compreensão do funcionamento sociocognitivo dos indivíduos acometidos pela DA. Espera-se que este trabalho figure como uma contribuição, ainda que mínima, para a abordagem da Doença de Alzheimer em seus âmbitos acadêmico e clínico.

Referências

APRAHAMIAN, I.; MARTINELLI, J. E.; YASSUDA, M. S. Doença de Alzheimer: revisão da epidemiologia e diagnóstico. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, PP 7-25, 2009.

ATTARDO, S. **Linguistic Theories of humor**. New York: Mouton de Gruyter, 1994.

BACHE, C. Constraining conceptual integration theory: levels of blending and disintegration. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v.37, p.1615-1635, 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2004.03.011>

BALZANO, S. El chiste y su relación con las formas de socialización. **Revista de Investigaciones folclóricas**. Buenos Aires: v. 16. Dez. 2001.

BEILKE, H. N.; PINTO, R. C. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. **Estudos Linguísticos**. vol. 39, n. 2, pp. 557-567. 2010.

CHIARO, D. **The language of Jokes: analysing verbal play**. London, England: Routledge, 1992. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4324/9780203327562>

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. Rio de Janeiro, **Matraga**, v. 16, n. 4, jan./jun. 2009, p. 77-96.

COSCARELLI, C. V. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.5. n.2. 2005. p. 291-303. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982005000200012>

COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S.. Do que riem os afásicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), vol. 24, pp.47-57, Campinas, SP, 1993.

CRUZ, F. M. **Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da Neurolinguística**. 2004. 204p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/Campinas, 2004.

CRUZ, F. M. **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer**. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL/Campinas. 2008.

DAMASCENO, B. P. Trajetórias do envelhecimento cerebral: o normal e o patológico. In: A. L. NERI. **Desenvolvimento e envelhecimento**. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

DIAS, F. H.; FERNANDES, G. S.; FURTADO, F. A.; NEVES, P. M.; MIRANDA, N. S. Leitura do Discurso Humorístico. In: **Anais IX Semana de Letras da UFOP**, 2004.

DONZELI, C. P. **A interpretação de piadas por afásicos**: aspectos linguísticos e socio-cognitivos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL/Campinas. 2008.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**: Aspects of Meaning Construction in Natural Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511624582>

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9781139174220>

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think**: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities. New York: Basic Books, 2002.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, P. (eds). **Syntax and Semantics**. Academic Press: New York, 1975.

GUEDES, M. B. Espaços mentais, leitura e produção de resumos. **Veredas**: revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 31-48, 2000.

HAMDAN, A. C.; BUENO, O. F. A. Relações entre controle executivo e memória episódica verbal no comprometimento cognitivo leve e na demência tipo Alzheimer. **Estudos de Psicologia**. v.10, n.1, p. 63-71, 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100008>

HERRERA, Jr. E. **Estudo epidemiológico populacional de demência na cidade de Catanduva**, SP. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, 1998.

ISAACS, B.; KENNIE, A. T. The set test as an aid to the detection of dementia in old people. *Br. J. Psychiatry*, v.123, p. 467-470, 1973. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1192/bjp.123.4.467>

KAPLAN, E. F., GOODGLASS, H.; WEINTRAUB, S. **The Boston Naming Test** 2nd ed. Philadelphia: Lea and Febiger, 1983.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago, University of Chicago Press,

MANSUR, L. L.; CARTHERY, M.T.; CAMELLI, P.; NITRINI, R. Language and Cognition in Alzheimer's disease. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.18, n. 3, 2005.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. A linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p.177-192.

MIRANDA, N. S. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelos dos espaços mentais. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 3, n.1, p.81 – 95, Juiz de Fora, Editora da UFJF, jan/jun 1999.

MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metafóricidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008.

NOVAES-PINTO, R. C.; BEILKE, H. M. Avaliação de linguagem na demência de Alzheimer. In: COUDRY, M. I. H.; ISHARA, C. I.; FERRAZ, N. (orgs.). **Estudos da Língua(gem)**. Número temático: Estudos em Neurolinguística. v. 6, n.2, 2008.

ORTIZ, K. Z.; P. H. F. BERTOLUCCI. Alterações de linguagem nas fases iniciais da Demência de Alzheimer. **Arquivos de Neuropsiquiatria**. v. 63, n. 2a, pp.311-317, 2005. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2005000200020>

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht, Reidel, 1985.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora, v.3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SANTOS, S. L. **A interpretação da piada na perspectiva da Teoria da Relevância**. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, UFPR/Curitiba, 2009.

SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S., TORRES, A.; GONÇALVES, M. (orgs.) **Linguagem, cultura e cognição**: estudos de linguística cognitiva. v.1Coimbra, Almedina, 2004, pp.1-18.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância**: comunicação e cognição. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

WECHSLER, D. **WAIS-R**: manual. San Antônio: The Psychological Corporation, 1981.

Artigo recebido em: 28.02.2014

Artigo aprovado em: 03.06.2014

Domínios de Lingu@gem